

Bem-estar animal para clínicos veterinários**Animal welfare for veterinary clinics**

DOI:10.34119/bjhrv3n2-033

Recebimento dos originais: 05/02/2019

Aceitação para publicação: 12/03/2020

Vinícius Campregher de Siqueira

Mestre em Saúde e Meio Ambiente pela Universidade Metropolitana de Santos

Instituição: Universidade Metropolitana de Santos

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, 536 - Encruzilhada, Santos - SP, 11045-002

E-mail: vico_vet@hotmail.com

Paula Andrea de Santis Bastos

Doutora em Medicina Veterinária pela Universidade de São Paulo

Instituição: Universidade Metropolitana de Santos

Endereço: Av. Conselheiro Nébias, 536 - Encruzilhada, Santos - SP, 11045-002

E-mail: paulaasbastos@gmail.com

RESUMO

Introdução: Pesquisas recentes revelaram que 98% dos proprietários sentem que o cão é, ou quase é, um membro da família. O vínculo ser humano-animal é uma relação dinâmica e mutuamente benéfica. **Objetivo:** O objetivo desse trabalho foi analisar e sintetizar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, os estudos relacionados ao bem-estar e comportamento de cães que orientasse médicos veterinários clínicos de cães. **Método:** Foram estruturadas estratégias de busca na literatura para as bases de dados MEDLINE (via Pubmed) e LILACS. Também foi realizada a busca manual por meio de busca simples pelo google scholar e das listas de referências dos estudos relevantes. **Resultados:** Ao todo foram encontrados 431 estudos, dos quais 353 foram excluídos após a leitura dos títulos e resumos. Restaram 78 artigos que foram recuperados na íntegra para verificar a elegibilidade, e 13 foram incluídos nesta revisão narrativa. **Discussão e Conclusão:** Bem-estar animal se refere à uma ciência que se iniciou em decorrência das pesquisas após a formação do Comitê Brambell na Inglaterra. Esta ciência informa que bem-estar animal envolve uma parte física, uma mental/emocional e a expressão do comportamento natural. Explica o que é melhor para os animais do ponto de vista deles. Esta ciência por ser muito jovem ainda é, infelizmente, desconhecida por muitos médicos veterinários clínicos de pequenos animais, particularmente, pelo fato dos primeiros anos se concentrarem em pesquisas nos animais de fazenda, de produção. É fácil, então perceber, o quanto o clínico de pequenos animais, formado há alguns anos, precisa de informações técnicas reunidas em material que possa, facilmente, apresentar o tema e contribuir para uma melhor execução da sua prática profissional, que trará melhor bem-estar para ele mesmo, para os tutores e para os cães que merecem uma vida melhor.

Palavras-chave: Comportamento animal. Animais de estimação. Cães. *Pet shop*.

ABSTRACT

Introduction: Recent research has shown that 98% of owners feel that the dog is, or almost is, a family member. The human-animal bond is a dynamic and mutually beneficial relationship. **Objective:** The aim of this paper was to analyze and synthesize, through a narrative literature review, studies related to the welfare and behavior of dogs for clinical veterinarians of dogs.

Methods: Literature search strategies were structured for MEDLINE (via Pubmed) and LILACS databases. Manual search was also performed by simple search by google scholar and reference lists of relevant studies. **Results:** A total of 431 studies were found, of which 353 were excluded after reading the titles and abstracts. There were 78 articles that were retrieved in full to verify eligibility, and 13 were included in this narrative review. **Discussion and Conclusion:** Animal welfare is a science that began as a result of research following the formation of the Brambell Committee in England. This science informs that animal welfare involves a physical, a mental/emotional part and the expression of natural behavior. This science presents what is best for animals from their point of view. Because this science is very young, it is unfortunately still unknown to many small animal veterinary clinicians, particularly as the early years focus on research on farm animals. It is easy, then, to realize how much the small animal clinician, trained a few years ago, needs technical information gathered in material that can easily present the theme and contribute to a better execution of his professional practice, which will bring better to be for himself, for owners and for dogs that deserve a better life.

Keywords: Animal behavior. Pets. Dogs. Pet shop.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre o ser humano e os animais domésticos data de milhares de anos ⁽¹⁻²⁾. Desde que foram domesticados, a relação entre cães e humanos vem sofrendo mudanças. A quantidade de lares com animais de estimação cresceu exponencialmente e, mais recentemente, os cães passaram a ser considerados membros da família. ⁽³⁻⁴⁾.

Pesquisas recentes revelaram que 98% dos proprietários sentem que o cão é, ou quase é, um membro da família ⁽⁵⁻⁶⁾. O vínculo ser humano-animal é uma relação dinâmica e mutuamente benéfica. Inclui atitudes, emoções e profundas interações físicas e psicológicas entre as pessoas, animais e meio ambiente ⁽⁷⁾.

Com isso, o apego, mecanismo de coalizão essencial para à sobrevivência de animais sociais, revelou-se resultado de um processo evolutivo vantajoso para homens e animais ⁽⁸⁾. Hoje, a quantidade de animais de estimação é tamanha que se sustenta a ideia de que a vida humana, compartilhada com os animais, está instituída como uma nova forma de existência ⁽⁹⁾. Cada vez mais, trata-se os animais de estimação como se fossem pessoas, principalmente como se fossem crianças, constituindo-se, assim, uma forma de antropomorfização/humanização ^(2,5,8).

Será que isso é bom para os animais? Esse tipo de comportamento, geralmente, é aceitável, desde que o funcionamento biológico e fisiológico de cada espécie seja respeitado. Entretanto, o antropomorfismo exagerado é cientificamente inaceitável, porque é nocivo, podendo causar transtornos comportamentais nos animais ⁽²⁾.

Mas, nem sempre é sólida a relação dos humanos com os animais de estimação. Devido a problemas de comportamento, cerca de 20 milhões de animais de estimação, a cada ano, são abandonados em abrigos nos EUA e, pelo menos a metade deles sofre eutanásia ⁽¹⁰⁾. No Brasil, até o momento, não há casuística nacional dos problemas de comportamento dos cães domésticos, nem como os casos existentes são conduzidos; além disso, não há cultura nem respaldo legal à eutanásia de cães em razão de distúrbio de comportamento ⁽¹¹⁾.

Nos Estados Unidos, os veterinários costumam recomendar ansiolíticos e antidepressivos, inclusive de maneira preventiva, no caso de comportamento mais grave, como medo, ansiedade ou agressividade. Tal prática, porém, é controversa, pois muitas vezes não se conhece o estado de saúde do animal antes da consulta acontecer ⁽¹²⁾.

A sociedade atual requer do médico veterinário capacidade crítica em questão de bem-estar animal e amplo respaldo técnico na análise das condições de vida dos animais. Esse profissional também deve ser capaz de criar alternativas para melhorar a interação ser humano-animal com o objetivo de proteger os animais de sofrimento, daí a importância da ciência do bem-estar animal durante a formação acadêmica ⁽¹³⁾.

Neste sentido é importante comentar que em um grupo de 86 médicos veterinários da Baixada Santista foi identificado desconhecimento sobre princípios básicos importantes de Bem-Estar Animal. Devido à falta de conhecimento, os profissionais não usavam tecnicamente o Bem-Estar Animal considerando as adequações no local de atendimento clínico, nem eticamente considerando a venda de produtos em pet shops ⁽¹⁴⁾.

No entanto, a medicina veterinária vem passando por uma transformação significativa, buscando atender à crescente valorização de bem-estar dos animais, com uma demanda de conhecimento e atuação reconhecida nesta área ⁽¹⁵⁾. Um exemplo: a crescente preocupação com o estresse do animal, desde o momento em que ele entra na clínica até o tratamento em casa ⁽¹²⁾, embora a literatura profissional veterinária dispense pouca atenção ao vínculo entre proprietário-cão ⁽¹⁶⁾.

Muitos animais de estimação e seus proprietários associam o hospital veterinário com medo e dor. Essa relação ocorre, por exemplo, por conta da mesa fria de aço inoxidável usado no exame físico, o uso do termômetro intra-anal, agulhas e o uso de gaiolas. O medo disso, muitas vezes, altera os resultados dos exames, contribui para a ocorrência de mordidas, e impede ou dificulta a realização de exame minucioso ou o próprio tratamento ⁽¹⁷⁾.

Muitos proprietários não percebem que a ação em casa pode contribuir para visitas mais calmas ao veterinário. Uma orientação técnica mostrando que simples mudanças em suas atitudes influenciam bastante o comportamento do animal ⁽¹⁷⁾.

2 OBJETIVO

Analisar e sintetizar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, estudos relacionados ao bem-estar e comportamento de cães, fornecendo informações e orientação a médicos veterinários clínicos de cães.

3 MÉTODO

Procedeu-se a uma revisão de literatura narrativa para análise crítica da literatura. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade do autor.

Foram estruturadas estratégias de busca na literatura (Quadro 1) para as bases de dados MEDLINE (via Pubmed) e LILACS. Também fez-se busca manual por meio de busca simples pelo *google scholar* e das listas de referências dos estudos relevantes. Não houve restrição de data.

Quadro 1: Estratégias de busca para as bases de dados MEDLINE e LILACS

MEDLINE (viaPubmed)	#1 (Dogs OR Dog OR "Canisfamiliaris" OR Pets OR Pet OR "Companion Animals" OR "Animal, Companion" OR "Animals, Companion" OR "Companion Animal")
	#2 ("Animal Welfare" OR "Welfare, Animal" OR "Animal Cruelty" OR "Cruelty, Animal" OR "Behavior, Animal" OR "Animal Behavior" OR "Animal Behaviors" OR "Behaviors, Animal" OR "Dog-Human Communication")
	#3 ("Practice Management, Veterinary" OR "Veterinary Practice Management" OR "Practice Management Services, Veterinary" OR "Hospitals, Animal" OR "Animal Hospital" OR "Hospital, Animal" OR "Veterinary Hospitals" OR "Hospitals, Veterinary" OR "Hospital, Veterinary" OR "Veterinary Hospital" OR "Animal Hospitals" OR "Veterinary Clinics" OR "Clinics, Veterinary")
	#1 AND #2 AND #3 = 430 referências
LILACS	(tw:(cão)) AND (tw:(bem-estar do animal)) AND (tw:(medicina veterinária)) AND (instance:"regional") AND (db:("LILACS")) = 1 referência

Como critérios de inclusão, foram selecionados os estudos sobre cães, abordando conceitos básicos sobre bem-estar animal, comportamento e distúrbios de comportamento de cães e as causas e consequências de estresse na clínica veterinária e pet shop. Foram excluídos

os estudos publicados em idiomas que não o inglês, português e espanhol, além dos estudos que não foram encontrados em texto completo.

4 RESULTADOS

Ao todo, foram encontrados 431 estudos, dos quais 353 foram excluídos após a leitura dos títulos e resumos. Restaram 78 artigos que foram recuperados na íntegra para verificar a elegibilidade, e 13 foram incluídos nesta revisão narrativa. A Tabela 1 apresenta as características dos estudos incluídos.

Tabela 1. Características dos estudos incluídos.

REFERÊNCIA (ANO)	PAÍS	DESFECHE DO ESTUDO
Lewis, W. E. (2016) ⁽⁸⁶⁾	EUA	Apresentação em congresso sobre BEA - Construção de centro de BEA
Chapel, D. D. (2016) ⁽⁹⁰⁾	EUA	Apresentação em congresso sobre Intervenção na clínica Veterinária sobre BEA
Herron, M. E., Shreyer, T. (2014) ⁽⁸⁹⁾	EUA	Revisão de literatura – Intervenções na clínica veterinária de BEA
Soares, G. M (2013) ⁽⁷⁴⁾	Brasil	Revisão de literatura - Eliminação inapropriada
Ferreira, S. A.; Sampaio, I. B. M. (2010) ⁽⁴⁵⁾	Brasil	Pesquisa do tipo exploratório de caráter descritivo com pesquisa de campo - Relação Homem X Cão
Grandin, T.; Johnson, C. (2010) ⁽²¹⁾	EUA	Revisão de literatura - BEA/Comportamento
Yin, S. (2009) ⁽⁹²⁾	EUA	Revisão de literatura - BEA/Intervenções
Moffat, K. (2008) ⁽⁸⁸⁾	EUA	Revisão de literatura sobre etiologia da agressividade de cães e gatos e intervenções na clínica veterinária.
Bennett, P. C; Rohlf, V. I. (2007) ⁽⁸⁰⁾	EUA	Amostragem sobre Problemas de Comportamento
Mills, D. S. (2005) ⁽⁹⁵⁾	EUA	Estudo experimental (ensaio) – Feromonioterapia
Broom, D. M.; Molento, C. F. M. (2004) ⁽¹⁵⁾	Brasil	Revisão de literatura - Definição de BEA
Overall, K. L.; Dunham, A. (2002) ⁽⁵⁹⁾	EUA	Estudo retrospectivo – Problemas de comportamento
Milani, M. M. (1997) ⁽¹⁰⁵⁾	EUA	Revisão de literatura - Linguagem e emoções/Comportamento

BEA: Bem-estar animal.

4.1 CONCEITOS GERAIS DE BEM-ESTAR ANIMAL

Ideias e achados a respeito da vida mental e emocional dos animais, de sua inteligência e aprendizagem, da complexidade de sua comunicação, da existência de atos conscientes e até mesmo de consciência de si próprio; da possibilidade de criar e transmitir aprendizado como resultado de interações empática. Tais informações e conceitos têm levado os humanos a reconhecer a necessidade de mudar sua percepção e conduta em relação aos animais não-humanos ⁽¹⁸⁾.

Grandes transformações ocorreram desde que o filósofo e cientista francês Rene Descartes (1596-1650) difundiu a ideia de que os animais eram meras “máquinas” insensíveis e irracionais. Em contraponto, o filósofo inglês Jeremy Bentham (1748-1832), a partir de uma visão humanística, ressaltou que a questão não seria se os animais poderiam pensar ou falar, mas se poderiam sofrer. Alguns anos mais tarde, Charles Darwin (1809-1882), descreve a semelhança mental entre a atividade mental dos animais e a dos humanos como meramente quantitativa e não qualitativa ⁽¹⁹⁾. Entretanto, todas essas visões somente começariam a ser, cientificamente, solucionadas com a ciência do bem-estar animal, que começou a ser estruturar a partir dos resultados das pesquisas geradas após a formação do Comitê Brambell (1965), que teve a função de verificar como os animais de fazenda eram criados ⁽²⁰⁾.

A produção animal intensiva significa fazendas muito grandes para a criação de animais para abate ou produção de ovos com galinhas em espaços muito pequenos. O movimento de bem-estar dos animais vem considerando a questão “do que os animais precisam?”, pelo menos desde a década de 60, quando o governo britânico criou o comitê Brambell⁽²¹⁾.

Em 1986, o professor Donald Broom - professor da Universidade de Cambridge e primeiro professor da disciplina, definiu bem-estar animal como o estado de um indivíduo nas suas tentativas de se adaptar ao meio ambiente. Outra contribuição foi a descoberta da senciência animal, que nos informa sobre a capacidade dos animais sentirem sentimentos e sensações, positivos e negativos, sobre o que lhes acontece e o que os rodeia ⁽²²⁻²³⁾.

Um segundo desdobramento desse novo conhecimento foi o estabelecimento de cinco condições para assegurar o bem-estar dos animais. As três primeiras condições referem ao bem-estar físico e as outras duas tratam do bem-estar mental. São condições de bem-estar o animal estar livre de fome e sede; de desconforto físico e dor; de lesões e doenças; e livre para expressar seu comportamento normal e livre de medo e estresse ^(21,24).

Ressalta-se, ainda que o bem-estar de qualquer animal sensível é determinado pela percepção individual que ele tem em relação ao seu próprio estado físico e emocional ⁽²⁵⁾.

A ciência do bem-estar animal estabeleceu-se como fruto destas pesquisas e do conhecimento gerado por elas, definindo então bem-estar animal como o estado de saúde física e mental do indivíduo nas suas tentativas de se adaptar ao ambiente ⁽²³⁾, que estabelece pronta relação com outros conceitos como necessidade, liberdade, felicidade, adaptação, controle, capacidade de previsão, sentimentos, sofrimento, dor, ansiedade, medo, tédio, estresse e saúde ⁽¹⁵⁾.

Mais modernamente surgiu o conceito dos cinco domínios: da nutrição e hidratação, domínio do ambiente, domínio da saúde e estado funcional, domínio do comportamento e domínio do estado mental ⁽²⁶⁻²⁷⁾; que considera inviável assegurar estados ideais de liberdade e tem por fundamentação minimizar estados negativos e fomentar estados positivos entre os animais ⁽²⁷⁾.

No passado, veterinários e criadores consideravam o bem-estar animal a saúde do corpo e o ambiente físico (instalações, alimentação, etc.). Se um animal estivesse saudável e produzindo bem seu bem-estar estava assegurado. Mas pesquisas concluíram que os animais têm necessidades comportamentais fundamentais que devem ser satisfeitas. Assim, a definição mais aceita de bem-estar animal é a que compreende o estado do corpo e da mente do animal (na expressão da naturalidade do animal e na ausência de estados de medo ou estresse), na medida em que a sua natureza (características genéticas se manifestam em raça e temperamento) é satisfeita ⁽²⁸⁾.

4.2 COMPORTAMENTO DOS CÃES

Há registros fósseis datados de 40 mil anos dos cães convivendo com o homem ⁽²¹⁾. Os cães são lobos geneticamente evoluídos que foram, ao longo do tempo, sendo selecionados para viverem e se comunicarem com os humanos ⁽¹⁸⁾. A sintonia dos cães com as pessoas é tamanha que são os únicos animais capazes de seguir o olhar ou o dedo que aponta numa direção e entender que lá está guardado um alimento; capacidade esta não presente nos lobos ⁽²⁹⁾.

O motivo pelo qual os cães aprendem sozinhos é que as reações sociais do ser humano reforçam o comportamento canino ⁽²¹⁾.

As pesquisadoras Temple Grandin e Catherine O. Johnson, C. O (2010) ⁽²¹⁾ afirmam que somente há cerca de 17 anos pesquisadores identificaram que os cães são geneticamente lobos aumentando o interesse pelo comportamento de cães e lobos. O problema são as concepções errôneas sobre os lobos. Toda a ideia de alcateia e macho alfa é incorreta ⁽²¹⁾. Estudos apontam que, na natureza, diferente do que se pensava, os lobos não vivem em alcateias e nem existe um macho alfa que luta o tempo todo com outros para manter a dominância ⁽³⁰⁾. Mas sim, os

lobos vivem como as pessoas, em famílias formadas pela mãe, o pai e os filhos e a hierarquia pode ser alterada dependendo da situação vivenciada. Considerando essa teoria, os cachorros precisam de pais substitutos, não de um líder do grupo. ⁽²¹⁾.

O cão doméstico adulto apresenta comportamentos homólogos aos do lobo, tanto filhote quanto jovem e adulto: espera que seus donos lhe tragam comida, mas também apresentam condutas agressivas, de territorialidade e de caça (até quando persegue bolas, bicicletas ou automóveis) ⁽³¹⁾.

Nos cães, as experiências ambientais e sociais até a puberdade, que ocorre ao redor dos seis a oito meses de idade, são essenciais para a caracterização do comportamento adulto do cão e para a qualidade do relacionamento com o ser humano ⁽³²⁾.

O desenvolvimento dos cães pode ser dividido em quatro períodos principais: neonatal (primeira e segunda semana de vida), transição (terceira semana de vida), socialização (da quarta à décima semana de vida) e juvenil (décima semana até a puberdade) ⁽³²⁾.

O período neonatal (de zero a doze dias) é caracterizado pela vida junto à ninhada e pela dependência e solicitação de cuidados maternos de mamar e dormir. Grande parte dos comportamentos dos filhotes é governada por reflexos, uma vez que as limitações motoras e perceptivas são compensadas pelos cuidados da mãe. As potencialidades motoras, a percepção de estímulos externos, a aprendizagem e a memória se tornarão funcionais nos períodos subsequentes ⁽³³⁾.

No período de transição (de treze a vinte e um dias de vida), ocorrem transformações rápidas e significativas, quando padrões de comportamento típicos da vida neonatal desaparecem. Este período inicia-se com a abertura dos olhos e termina com a abertura do canal auricular. No período anterior, os órgãos sensoriais, ainda imaturos, traziam uma condição limitada aos filhotes; neste período, o mundo se abre para eles. Nesta fase, recomenda-se que o contato dos filhotes com as pessoas continue como forma de estímulo ao desenvolvimento neuromuscular do filhote. A manipulação precoce e estímulos estressores brandos contribuem para o desenvolvimento de cães mais seguros, exploradores e socialmente confiantes, treinando-os a suportar, mais eficazmente, situações estressoras e aumentando sua capacidade de aprendizagem e estabilidade emocional na vida adulta ⁽³³⁾.

O período de socialização, que vai de 21 a 84 dias de idade, é considerado um período crítico para a formação dos primeiros vínculos e relacionamentos sociais. As experiências desta fase determinam os padrões de comportamento adulto. Este é o período mais importante para a socialização com outras espécies animais, incluindo o ser humano ^(32 - 33).

No período juvenil (de 12 semanas de idade até a puberdade, por volta de seis meses de idade), o animal se torna maduro e avança na fase adulta. Ocorrem experiências com a exposição a uma grande variedade de vivências, novas e excitantes oportunidades de investigar livremente, manipular e interagir com os seres humanos e outras espécies. É um momento em que as experiências moldam o comportamento adulto ⁽³³⁾.

4.2.1 Sentidos sensoriais importantes que influenciam o comportamento canino

Olfato

O olfato é um sentido que possibilita tanto à espécie humana quanto às outras espécies terrestres receberem informações referentes ao ambiente que são transmitidas por meio de substâncias químicas. No entanto, constata-se que a capacidade olfatória do cão é muito maior do que a do homem, ⁽³⁴⁾. Humanos podem ser capazes de discriminar 10.000 odores ⁽³⁵⁾. Os cães são pelo menos, um milhão de vezes mais sensíveis. Um cão explora ao seu redor utilizando o olfato na mesma medida que o ser humano faz com a visão ⁽³⁴⁾.

Os cães possuem o número de neurônios olfatórios estimados em 1 bilhão. A marcação por urina, por exemplo, fornece informações sobre identidade, sexo, receptividade sexual e familiaridade e relações sociais entre cães ⁽³⁶⁾. Suas células cerebrais ligadas à decodificação dos odores são 40 vezes mais numerosas que no ser humano ⁽³⁷⁾.

O sentido do olfato nos cães é tão particularizado que médicos os têm treinado com sucesso, para identificar pacientes portadores de alguns tipos de câncer, como melanoma maligno, câncer de pulmão, de próstata e de mama ⁽³⁸⁻³⁹⁾.

Os feromônios são substâncias químicas ou mesclas de substâncias que, emitidas por um animal, produzem determinados efeitos em um indivíduo receptor da mesma espécie. Desempenham papel importante no comportamento dos cães, e muito especialmente na conduta sexual e na marcação territorial. Tanto a urina como o exsudato vaginal são fontes importantes de feromônios ⁽⁴⁰⁾.

Audição

Cães podem detectar frequências de som abrangendo de 40 Hz até 65 kHz, enquanto que 20 kHz é a frequência máxima captada pelos seres humanos. Eles são mais sensíveis a sons com frequências na faixa de 0.5 a 16 kHz. Dentro desse alcance, seu limiar sensitivo pode ser 24 dB menos que aquele para os seres humanos ⁽³⁶⁾.

Tato

A sinalização tátil está entre os primeiros tipos de sinalização a se desenvolver em cães e sua estimulação aumenta/aprimora o neurodesenvolvimento. Carícias rápidas e curtas, podem,

por exemplo, transmitir para o cão um reflexo do nível de preocupação e ansiedade da pessoa que o está acariciando; já uma carícia lenta e longa, associada a pressão profunda nos músculos, sob a forma de massagem, transmitiria ao animal, calma e relaxamento ⁽³⁶⁾, promovendo diminuição da frequência cardíaca e da concentração plasmática de cortisol ⁽⁴⁰⁾.

Visão

Os cães nascem com um sistema visual imaturo e relativamente não mielinizado. A visão melhora rapidamente até os 20 dias de idade. Têm visão lateral melhor que a dos humanos, é extremamente sensível ao movimento, o que significa capacidade de reconhecer um objeto quase duas vezes melhor do que quando esse mesmo objeto está parado. Cães possuem uma visão de cores rudimentar (dicromática), e são sensíveis à luz de ondas curtas (azulada) ⁽³⁶⁾.

4.2.2 Emoções fundamentais dos cães

Os centros emocionais também são conhecidos como “emoções fundamentais”, são inatas e fazem parte do sistema de emoções fundamentais, como a busca, a raiva, o medo e o pânico ⁽⁴¹⁾.

A busca é o impulso básico de procurar, investigar e dar sentido ao ambiente. Trata-se de uma combinação de emoções: o desejo ou o anseio por de alguma coisa muito boa, e a curiosidade, que muitos acreditam não ser uma emoção. O aspecto “desejo” de busca dá energia para perseguir os objetivos, desde comida, abrigo e sexo. O aspecto “anseio” de busca é semelhante a uma emoção, como a das crianças quando encontram seu presente de Natal. A curiosidade está relacionada às novidades. Quando um cachorro ouve um ruído estranho, vira a cabeça, olha e para; quando para, o animal decide se continua a busca, se foge com medo ou se ataca ⁽⁴¹⁾.

A busca é uma emoção prazerosa, sempre relacionada a alguma coisa que não se tem. Ela pode vir a ser um motor emocional de amplo espectro, que produz motivações tanto positivas quanto negativas para o animal se aproximar ou evitar ⁽³⁶⁾.

A emoção básica da raiva evoluiu da experiência de ser capturado e imobilizado por um predador. Ela dá ao animal capturado a energia explosiva necessária para lutar violentamente e talvez causar um impacto suficiente para que o predador afrouxe, dando ao animal capturado a chance de escapar ⁽³⁶⁾.

Frustração é uma forma amena da raiva, desencadeada por uma combinação mental quando não se consegue realizar alguma coisa. Podemos supor que alguns animais cativos sentem frustração presos em currais, estábulos, casas e apartamentos, quintais, gaiolas, porque

estar preso significa uma forma de coibição, por melhor que seja o ambiente. Muitos animais cativos tentam fugir tão logo tenham uma oportunidade ⁽³⁶⁾.

Animais sentem medo quando a sua sobrevivência é ameaçada de qualquer forma, desde o nível físico até o mental e o social ⁽⁴²⁾. De acordo com Grandin, (2015) pesquisas apontam que os animais demonstram medo quando estão na condição de presa por um predador; nesse momento, então, ele precisa lutar pela sobrevivência ⁽²¹⁾.

Pesquisadores acreditam que o sistema pânico evoluiu provavelmente da dor física. Todos os filhotes choram quando a mãe sai, e um filhote isolado cuja a mãe não volta, tem a probabilidade de se deprimir e morrer ⁽³⁶⁾.

Existe também outro sistema de emoções positivas, o "sistema socioemocional", que não permanece necessariamente durante toda a vida do animal. Tal sistema tem propósitos especiais que são empregados em épocas apropriadas na vida dos mamíferos, e fazem parte dele emoções como a luxúria, os cuidados e o brincar ⁽³⁷⁾. A luxúria significa sexo e desejo sexual ⁽³⁶⁾ e ocorre nos períodos de reprodução da espécie. É considerada "cuidado" quando usado o termo para amor e os cuidados maternos ⁽³⁹⁾. O brincar é o sistema cerebral que produz as brincadeiras irrequietas de todos os filhotes. Até hoje os pesquisadores não entenderam muito bem a natureza do sistema brincar, embora todos acreditem que o esse comportamento represente um sinal de bem-estar, já que um animal deprimido amedrontado ou irritado não brinca ⁽³⁶⁾.

Em conjunto, essas sete emoções básicas (busca, raiva, medo, pânico, luxúria, cuidados e brincar) - principalmente as quatro primeiras- explicam por que alguns ambientes são bons para animais e outros são ruins. Um bom ambiente proporciona um cérebro saudável e poucos problemas de comportamento ⁽³⁶⁾.

Todos responsáveis por animais – fazendeiros, criadores, funcionários de zoológicos, proprietários de animais de estimação – precisam ter consciência de cuidados e orientações, no sentido de fomentar o bem-estar mental de seus animais . As melhores orientações estão relacionadas aos sistemas cerebrais das emoções básicas. A regra simples é estimular a busca e o brincar; e não estimular a raiva, o medo e o pânico. Dessa forma, mantém-se o animal ocupado e se que previne o desenvolvimento de estereotípias ⁽²¹⁾.

Os fenômenos físicos e psicológicos, a vida social e o ambiente são interativos ⁽⁴³⁾. Qualquer mudança no meio externo, no ambiente físico ou psicossocial ou interno (somático ou psicológico) pode provocar no animal uma resposta fisiológica ou comportamental. A resposta a estímulos agradáveis ou adversos o estado de bem-estar do animal. Geralmente,.

funcionam como mecanismo de equilíbrio; mas se essas respostas não forem eficazes para a manutenção ou retomada da homeostase, o animal pode desenvolver um processo de deficiência orgânica, inaptidão, desordem comportamental ou doença ⁽⁴⁴⁾.

Ao envolver respostas comportamentais e fisiológicas, o processo de adaptação permite ao animal controlar sua estabilidade mental e corporal, processo que inclui regulação do estado normal do corpo acompanhada de respostas de emergência, como alta atividade adrenal e cardíaca ou outras atividades que podem requerer mais gastos de energia ⁽⁴⁶⁾.

Em uma avaliação de bem-estar é importante considerar as emoções dos animais e a variação individual nas tentativas de adaptação às adversidades e seus efeitos. Sendo as respostas psicológicas e comportamentais diferentes para cada indivíduo e para diferentes problemas, num estudo de bem-estar, é necessário, portanto, incluir vários indicadores para a realização de distintas medidas. Se o animal utiliza, por exemplo, muitos recursos para tentar se adaptar a diferentes efeitos adversos, o uso de apenas um indicador para avaliar a sua reação poderia indicar, erroneamente, que ele está adaptado ao ambiente ⁽⁴⁶⁾.

4.2.3 Principais distúrbios do comportamento dos cães

Problemas de comportamento afetam diretamente não somente a qualidade de vida dos animais, mas, também, das pessoas que convivem com eles. Em alguns países os problemas de comportamento são as principais causas de abandono e de eutanásia de animais de companhia (11,47-48-49-50).

É amplamente aceito que o desenvolvimento de comportamento em qualquer espécie é influenciado por fatores genéticos e ambientais. Embora fatores genéticos claramente predisponham individualmente cães a desenvolver fenótipos comportamentais particulares ⁽⁵¹⁾, fatores ambientais também interferem fortemente no comportamento deles ⁽⁵²⁾.

O cão doméstico possui uma ampla e complexa capacidade de comunicação social com os humanos ⁽⁵³⁾, sendo capazes de associar sinais, mesmo sutis, de seus proprietários com resultados positivos ou negativos⁽⁵⁴⁻⁵⁵⁾. É por isso que a forma de lidar e educar cães parece ter influência em comportamentos indesejáveis ⁽⁵⁶⁾.

Ainda em relação ao comportamento, já ficou evidenciado que os proprietários podem desconhecer o que é normal ou ter expectativas irreais sobre os cães ⁽¹⁾. Geralmente, comportamentos considerados problemáticos são os que representam perigo ou geram transtorno no ambiente doméstico. Muitas vezes são normais para a espécie, mas podem ser socialmente indesejáveis ou até mesmo inaceitáveis ⁽⁵⁷⁾. A maioria dos proprietários considera pirraça os distúrbios de comportamentos ⁽⁵⁸⁾.

Tratamentos para distúrbios de comportamento envolvem mudanças onde o animal vive e na relação entre os clientes e os seus cães. Educar os clientes sobre a importância dessas mudanças para resolver os distúrbios do comportamento é eficaz se o proprietário receber essa informação de forma positiva ⁽⁵⁹⁾.

Quanto maior a aproximação com a família, mais o cão tende a comportar-se socialmente dependente. Como em todo relacionamento familiar, o convívio implica novas responsabilidades, tarefas, compromissos e dedicação com o cão, que, nem sempre corresponde às expectativas. São frequentes histórias de medo e confusão, tristeza e raiva de proprietários, devido a interpretações erradas de determinados comportamentos, levando-os a buscar auxílio na clínica veterinária ⁽¹⁰⁾. Ao se comportar agressivamente, com excesso de agitação, ao latir em demasia, urinar e defecar em local inadequado ou, ainda, quando danifica móveis, por exemplo, o cão é percebido negativamente, gerando conflitos com ele e, muitas vezes, entre os familiares ⁽¹⁰⁾.

O cão pode ter seu bem-estar clínico comprometido e desenvolver comportamentos autodestrutivos, ficando deprimido e triste. Grande parte desses problemas ocorre por desinformação dos proprietários e tem como causa expectativas e fantasias dele em relação ao animal. Para um relacionamento saudável e equilibrado, além dos aspectos relativos ao processo de domesticação, é necessário conhecer como ocorre o desenvolvimento psicossocial dos cães ⁽¹⁰⁾. Muitas vezes, o proprietário é incapaz de identificar e/ou evitar os gatilhos de ocorrência do comportamento indesejado. Deve se considerar também que o animal pode permanecer em estado elevado de excitação ou vigilância, o que compromete o seu bem-estar ⁽⁷⁾.

Cabe ao médico veterinário o papel de contribuir para a expressão de todo o potencial benéfico desta interação e, a partir daí, promover a continuidade e o bem-estar de ambos, entando fazer prevalecer as necessidades das duas espécies.. O veterinário precisa compreender as diferenças e ajudar as pessoas a serem os melhores guardiões possíveis. A maior parte dos profissionais ainda desconhece informações importantes a respeito das particularidades dessa relação, apesar de pesquisas recentes indicarem que a compreensão deste vínculo ser uma competência essencial dos profissionais mais bem sucedidos ⁽¹⁰⁾.

Na clínica médica de pequenos animais é comum proprietários relatarem redução de qualidade de vida, e queixa de vizinhos, por conta dos latidos e dos danos que seus cães provocam quando deixados sozinhos. Tal contexto geralmente está associado com Síndrome de Ansiedade de Separação em Animais (SASA) ⁽⁶²⁾.

Síndrome de ansiedade de separação em cães

Os tipos de problemas comportamentais e seu grau de severidade variam enormemente. Os cães desenvolvem medo em determinadas situações⁽¹⁾. Os trajetos de medo parecem ser importantes na manifestação dos sintomas associados as fobias e aos distúrbios de ansiedade⁽⁶³⁾.

Nos humanos a ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho⁽⁶⁴⁾. O termo utilizado em Medicina Veterinária para essas alterações é Ansiedade de Separação (AS) ou Síndrome de Ansiedade de Separação em Animais (SASA)⁽⁶²⁾.

A SASA em cães é um problema comportamental aflitivo bastante comum que ocorre quando o animal é separado de seu dono. Ocorre quando o proprietário está fora de casa ou quando está em casa e o animal não consegue ter acesso a ele; por exemplo, ao ficar preso em algum cômodo, caixa de transporte ou gaiola, ainda que seu dono esteja no mesmo ambiente ou a poucos metros dele^(63,65-66). Essa síndrome ocorre provavelmente devido a muitos fatores, incluindo ansiedade, medo, angústia, frustração e pânico⁽⁶⁷⁾.

Os comportamentos que compõem a síndrome são: vocalização excessiva, destruição de objetos e micção e defecação fora do local determinado^(1,52,58,63,65,68-69-70-71-72-73). Pode também incluir vômitos, depressão^(68,71-72-73) e comportamentos compulsivos^(1,59,63,65).

Alguns pesquisadores acreditam que o comportamento destrutivo é uma forma de “vingança” do animal, por ter sido deixado preso ou confinado. Esse raciocínio decorre de o animal destruir objetos pessoais do proprietário, como livros, roupas, sapatos e assentos do sofá. O que ocorre, de fato, é que eles preferem tais objetos por estarem impregnados do cheiro do proprietário, fazendo-os lembrar do proprietário ausente^(52,63).

Eliminações em locais inapropriados

Os problemas que envolvem comportamentos de eliminação inaceitáveis ou inapropriados também são comuns. Em pesquisas gerais com proprietários, entre 6,4 e 7,4 % deles mencionaram o problema⁽⁶⁸⁾. O cão pode apresentar comportamento de micção sem relação direta com o esvaziamento da bexiga. São eles: a micção submissa, a micção induzida por excitação ou conflito, a marcação territorial com urina e a micção por ansiedade⁽⁷⁴⁾.

A micção submissa acontece no contexto do cão em contato com algum indivíduo (humano ou outro cão) que ele considere hierarquicamente superior ou que o amedronte. É mais comum em filhotes, provavelmente pela mimetização do reflexo anogenital do filhote que

depende do estímulo materno para sua eliminação. Tal comportamento pode persistir no adulto muito submisso. É um distúrbio fruto da neotenia, persistência de comportamento característico de filhote no adulto. Geralmente, esse distúrbio é auto-limitante e cessa depois da puberdade. Para preveni-lo, a melhor opção é a socialização do cão com manipulações regulares desde o nascimento até a 16ª semana de vida, para evitar que se estabeleça uma relação de inferioridade do cão com as pessoas ou com os animais que com ele convive ⁽⁷⁴⁻⁷⁵⁾.

A micção induzida por excitação ou conflito é, também, mais comum em filhotes e está relacionada a situações que causem excitação ou medo, por exemplo, conflitos. Também é considerada uma forma de eliminação por ansiedade ⁽⁷⁴⁾.

A micção por marcação territorial é basicamente limitada a machos não castrados. É considerado um comportamento sexual masculino dimórfico; pode acontecer também com as fêmeas, porém é mais raro. O estímulo para marcação é a presença de algum elemento olfativo diferente na área que o cão considera como seu território. Ou seja, a necessidade de marcar vem da percepção da instabilidade social dentro do território do cão. O cão levantará uma (ou as duas) pata traseira, para urinar sobre a superfície que ainda tem sua marcação ou onde considere estratégico para identificar seu território. Normalmente, marca superfícies verticais, no ponto mais alto, para ressaltar seu tamanho. Diferentes dos dois contextos anteriores, micção submissa e por excitação, a marcação de território pode acontecer na presença ou ausência de pessoas ⁽⁷⁴⁻⁷⁵⁾.

Eliminações relacionadas à ansiedade estão num contexto que, se repetido com frequência, deve ser tratado como doença ⁽⁷⁴⁾. O fator desencadeante do estresse é antecipado pelas amígdalas (estrutura cerebral componente do sistema límbico) no qual ocorre ativação do sistema nervoso autônomo (SNA) simpático, liberação da adrenal de catecolaminas e glicocorticóides. Em casos muito intensos ou prolongados de ansiedade, há também ativação do sistema nervoso autônomo parassimpático. Nesses casos, ocorrerão eliminações inapropriadas com presença de urina ou fezes ⁽⁷⁴⁾.

Os casos de eliminação inapropriada por ansiedade são distúrbios do comportamento, pois envolvem alterações mentais nesses cães que fogem do padrão comportamental da espécie. Um tratamento eficiente em casos desse gênero, exige intervenção com medicamentos ansiolíticos, além de dessensibilização ⁽⁷⁴⁾.

Estereotipias em cães

Distúrbios compulsivos ou estereotípicos são descritos como ações repetitivas, constantes sem propósito aparente, ⁽⁷⁶⁾ que derivam de comportamentos normais como

caminhar, comer, cavar, lambar pelos, etc. Em algum momento, por estímulos externos ou internos, esse comportamento se torna excessivo, podendo se tornar independente do estímulo inicial ⁽⁵⁸⁾. Mesmo animais que vivem em um ambiente doméstico com ótimo enriquecimento ambiental, o que pode representar um alto grau de bem-estar ao animal, podem desenvolver estereotípias ⁽⁵⁹⁾. Em certos casos, uma estereotípia pode progredir para um Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) ⁽⁷⁷⁻⁷⁸⁾. Nos cães, o Transtorno Obsessivo Compulsivo recebe a denominação de Transtorno Compulsivo Canino (TCC) ou CCD (*Canine Compulsive Disorder*) ⁽¹⁾.

Em certos casos de TCC, causas externas podem ter maior peso do que fatores genéticos.. Cães que foram submetidos a práticas de adestramento com o uso exagerado do enforcador e aqueles que ficam confinados, entediados ou ansiosos, parecem ter maior predisposição ao comportamento compulsivo ⁽⁵⁹⁾.

Os comportamentos compulsivos são divididos em quatro classes, a saber: locomotores, alucinatórios, autolesivos ou autodirecionados e orais, como mostra o Quadro2 ⁽⁶³⁾.

Quadro2: Classes e sinais de comportamento compulsivo em cães.

Locomotores	Alucinatórios	Autolesivos ou autodirecionados	Orais
Ataque à objetos inanimados	Mordedura de ar ou abocanhar moscas	Ataque a si mesmo, mutilação, rosnados	Sucção/Lambadura
Inclinação da cabeça/ tremores/ agitação da cabeça	Olhar fixamente, ficar paralisado, sobressalto	Esfregamento ou arranhadura	Pica/mastigação
Giro em parafuso/ correr atrás do rabo	Contemplação do céu	Dermatite acral por lambadura, lambadura excessiva	Polidipsia/polifagia
Marcha equipada/ em círculos		Mordedura das unhas	Lambadura de objetos/proprietários
Perseguição/ latido		Sucção dos flancos	

Fonte: Landsberg, 2005 ⁽⁶³⁾

Agressividade em cães

A agressividade é um dos fatores que mais afeta a criação de várias espécies de animais, ⁽⁶³⁾. A agressividade canina está relacionada a diferentes causas, desde o meio ambiente até os ligados às características biológicas dos animais. Existem sete situações que podem desencadear o comportamento agressivo em cães, são elas: medo, dominância, posse, proteção, predação, dor e agressão idiopática ⁽⁷⁹⁾.

Cães de pequenos portes são classificados por seus proprietários como os mais desobedientes, excitados e nervosos ⁽⁸⁰⁾. Segundo pesquisa, eles tendem a apresentar maior impulsividade, sendo as fêmeas as que apresentam maiores riscos de morderem, quanto menor for o seu tamanho ⁽⁸¹⁾. O comportamento e a qualidade da interação entre cães e seus proprietários eles fatores de risco. Essa relação terá desdobramentos mais significativos, particularmente, quando se trata de cães pequenos. Por serem considerados menos perigosos, recebem menos adestramento do que cães de médio e grande porte ⁽⁸⁰⁾. O adestramento de cães é uma ferramenta para melhorar a obediência e diminuir os problemas de comportamentos ⁽⁸²⁾. Cães, cujo proprietário, frequentemente, treina e brinca, são mais obedientes.

5 A CLÍNICA MÉDICA E O BEM-ESTAR ANIMAL

Em razão da convivência com os humanos, conforme exposto, muitos cães experimentam situações que o incitam à frustração, ao medo, à agressão e à ansiedade. Estas emoções podem comprometer o bem-estar deles e da família que os acolhe. Provavelmente, os que sofrem de instabilidade emocional que induzem a reações de ordem física e psíquicas ainda não estão programados geneticamente para viver sob alta pressão ⁽⁴⁵⁾.

Um exame médico físico minucioso deve ser feito para descartar elementos de carácter clínico contribuinte e é componente essencial na triagem basal dos casos de distúrbio de comportamento nos cães. Inicialmente, o médico veterinário deve identificar os preditores de futuros problemas com os comportamentos de medo, ansiedade e/ou agressão do cão jovem ou adolescente, descartando possíveis causas orgânicas ⁽⁷⁾.

A integração de orientações básicas e distúrbios de comportamento no atendimento médico veterinário na rotina clínica, reforça o vínculo do ser humano com o cão, oferece benefícios financeiros diretos e indiretos ao profissional, além de reduzir as taxas de abandono e consequente eutanásia, sobretudo em países que aceitam esta prática em animais com problemas comportamentais. ⁽⁷⁾

Um estudo sobre a satisfação dos clientes com clínicas veterinárias de comportamento animal, mostrou que a disponibilidade de serviços dessa natureza pode resultar no recrutamento de novos clientes, aumentando potencialmente a receita para toda a empresa ⁽⁸⁴⁾. Os benefícios financeiros diretos se referem à oferta de uma nova modalidade de orientação ⁽⁷⁾.

Já os motivos indiretos estão associados à fidelização do proprietário do animal de estimação, à indicação de novos clientes; pois clientes satisfeitos indicam novos clientes, aumento de visitas ao veterinário, diminuição do tempo de exame de rotina e assistência pessoal

⁽⁷⁾. Um proprietário que tem uma boa relação com seu cão estará mais propenso a atender as necessidades dele. Quando o vínculo se enfraquece por causa de problemas de comportamento, esses proprietários procuraram com menor frequência a assistência e tendem a seguir menos as recomendações veterinárias ^(7,17).

5.1 ADEQUAÇÕES NA CLÍNICA MÉDICA VISANDO O BEM-ESTAR DOS CÃES

Considerando o bem-estar dos animais, a estruturação do ambiente de atendimento de cães tem passado por uma transformação. A imagem pode ser de uma casa simples voltada ao atendimento pet ou de um centro médico de alta tecnologia. Não há fórmula definida para projetar os espaços interiores. O projeto deve ser o reflexo direto da filosofia prática individual, da maneira como o médico veterinário usa o espaço e da imagem desejável ⁽²⁹⁾. Um *design* de interiores bem sucedido numa instalação de clínica ou hospitais voltados aos animais deve levar em consideração elementos, como a cor e textura das paredes e a iluminação ^(29,85). Os melhores hospitais são os que incorporam as principais funções com um bom *design* ⁽⁸⁶⁾. O *design* é importante mas não precisa ser extravagante, Detalhes fazem da clínica um local único e inspirador tanto para os clientes quanto aos funcionários ⁽⁸⁶⁾.

Os cães demonstram sua angústia por meio de latidos, tremores, sons interpretados por choros; se escondem, e expõem outros comportamentos visíveis. Na concepção de hospitais para cães, o ideal é a minimização de todos os tipos de reações de medo, sejam elas observáveis e fisiologicamente detectáveis ⁽⁸⁷⁻⁸⁸⁾.

Uma opção interessante é o exame ou tratamento dos animais ao ar livre, sendo uma boa ferramenta para cães que têm pavor de ambientes hospitalares. As áreas ao ar livre devem ser, pelo menos parcialmente cobertas para o conforto do animal, do proprietário e da equipe; devem ser limpas e totalmente fechadas com telas por questões de segurança ⁽⁸⁷⁾. Na sala de exame, cobrir as mesas de inox com um tapete anti-derrapante, uma toalha ou fraldas absorventes são uma boa opção para o conforto do animal ⁽⁸⁹⁾.

Ao construir uma clínica voltada ao bem-estar do animal de estimação, o médico veterinário deve sempre se perguntar ou pensar como os animais se sentiriam em sua clínica; devem se colocar no lugar de seus pacientes; imaginar como eles vêem o ambiente, já que o conforto e as emoções dos cães contam tanto como a das pessoas. Aos poucos serão identificados pequenos ajustes na forma como deve ser a aproximação e contenção dos pacientes ⁽⁶³⁾.

5.2 ENSINANDO O CLIENTE SOBRE O PREPARO PARA A VISITA À CLÍNICA

No sentido de reduzir o estresse decorrente da ida dos cães ao atendimento veterinário, algumas situações serão ressaltadas e comentadas, segundo Daniel D. Chapel (2016),⁽⁹⁰⁾. Muitos animais associam passeio de carro a visita ao veterinário, proporcionando oportunidade ideal para se trabalhar um estado irreversível de pânico. Oriente o proprietário a não levar seu cão para passear de carro apenas nos dias de consulta, e, nessas ocasiões, que ele torne o passeio de carro agradável, o que ajudará os animais a chegarem mais relaxados nas consultas⁽⁹⁰⁾. Da mesma forma, os clientes devem usar as caixas de transporte com os cães que não têm o costume de sair de casa para eliminar associações de medo⁽⁹²⁾.

É recomendável o uso da caixa de transporte no dia a dia, de preferência, as de topo removível⁽⁹⁰⁾, pois elas minimizam o estresse durante a consulta quando desmontadas para a retirada do animal⁽¹²⁾. Uso de feromônios calmantes pulverizados em toalhas na caixa de transporte e almofadas, ajudam os animais de estimação a desfrutarem do seu ambiente de forma muito mais agradável. Estes feromônios podem ajudar a prevenir o medo e o estresse relacionados ao comportamento^(90,93).

Uma forma natural de feromônio apaziguador de cães é secretada das glândulas sebáceas entre as cadeias mamárias de cadelas em lactação diretamente após o parto. Relatos demonstram que o feromônio é detectado pelo órgão de Jacobson ou pelo órgão vomero-nasal (VNO), e tem efeitos calmantes em cães jovens e adultos em uma grande variedade de situações estressantes⁽⁹⁴⁾. Dog Appeasing Feromônio (DAP; Ceva Sante Animale, Libourne, França) é um congênera sintético de feromônio natural que o cão ama⁽⁹⁴⁾. Foi promovido como um tratamento adjunto para melhorar condições como o comportamento relacionado aos problemas de separação, fobias e hiperligações⁽⁹⁵⁾.

Os proprietários devem ter em mente que quando eles estão nervosos, seus animais de estimação também ficam nervosos. Os animais sentem a ansiedade dos proprietários e interpretam que tanto a clínica veterinária ou mesmo o médico veterinário são algo que realmente devem temer⁽⁹⁰⁾.

Os cães agressivos devem ser acostumados com a focinheira. Uma sugestão é que os proprietários ofereçam petiscos durante vários dias em suas casas após a colocação da focinheira no animal, gratificando-o com uma guloseima^(89, 92). No dia em que o animal for para a consulta, deve-se colocar a focinheira antes da chegada à clínica⁽⁹⁰⁾.

Tudo o que for desagradável, como a administração de algum medicamento injetável, coleta de material, ou qualquer procedimento que possa causar dor ou desconforto, deve-se

deixar para o final do atendimento. Se o cão começar a vocalizar ou tenta fugir, use técnicas de contenção mantendo os olhos do cão cobertos e a região que deve ser manipulada acessível para completar o exame físico, dar injeções e coletar amostras de sangue ⁽⁹⁰⁾.

5.3 MUDANÇAS NA CLÍNICA PARA MINIMIZAR A ANSIEDADE

Muitos proprietários e seus cães associam a clínica veterinária a um local onde o medo e a dor estão presentes em todas as visitas, aí incluídos a colocação do cão na mesa de aço inoxidável para exame, a inserção do termômetro no momento de aferir a temperatura do animal, o emprego de agulhas na pele sensível ou o transporte do animal em gaiolas de transporte. Esses acontecimentos deixam os cães ansiosos e amedrontados e favorecem a agressividade do animal tornando o exame clínico e/ou o tratamento do cão mais difícil ⁽⁹⁶⁾.

Visando a implementação de medidas de bem-estar animal, algumas alterações na clínica ou hospitais são importantes ⁽⁹⁰⁾. Alguns sinais sonoros já rotineiros ao animal, como um *beep* de celular, localizados na recepção, permitirão que os proprietários de cães ansiosos, ao soar o sinal, levem seus animais para caminhadas curtas durante o tempo de espera ⁽⁹⁰⁾.

A maioria dos cães não são acostumados uma sala de recepção de uma clínica veterinária repleta de diferentes cães e pessoas ⁽⁹⁷⁾. Uma opção para os cães associarem a clínica ao prazer, é recomendar aos clientes para visitarem a clínica com seus cães para diversão ou meramente para um agradável passeio. Nessa situação é importante que a equipe de atendimento dê atenção ao cão para que ocorra a dessensibilização dele ^(90,92).

O uso de músicas que acalmam os cães, como, *Thought a Dog's Ear* (Sounds True, Inc, Louisville, CO) por exemplo, são cientificamente minimizadoras do estresse em animais, pelo tom, tempo e vibrações ^(90,98). Elimine ou diminua o uso de telefones, interfones, e outros ruídos desnecessários (secadores e sopradores do banho e tosa, por exemplo) ⁽⁸⁸⁾.

Os clínicos devem considerar como o animal percebe e interpreta os estímulos do ambiente. O que um animal vê, cheira, sente, experimenta pode afetar fortemente seu bem-estar e o estado emocional ⁽⁹⁹⁾. Odores fortes, como de desinfetantes não são particularmente agradáveis aos pets ⁽⁹⁰⁾. É interessante esperar a ventilação diminuir o odor químico entre as limpezas das consultas e mesmo nas salas de acesso comum. O álcool manejado durante os procedimentos deve ser utilizado em pouca quantidade para que o cão não relacione o cheiro do álcool com um ambiente desagradável ^(92,100).

Por mais que os cães nasçam em uma casa com vários cães ou gatos ou mesmo com outros animais, os odores em uma clínica veterinária nunca serão os mesmos com os quais o animal já esteja acostumado, o que também contribui para o medo ⁽⁹⁷⁾.

Limpe as superfícies expostas como as paredes, chão e móveis após o atendimento ou a espera (na recepção) de cães estressados, pois provavelmente eliminaram no ambiente aromas ou feromonios associados ao medo ⁽¹⁰¹⁻¹⁰²⁾. O ideal é usar feromônios calmantes em todos os ambientes. Para tanto, recomenda-se pulverizar uma hora antes de cada consulta ^(90,93).

Tons suaves e relaxantes nas paredes e iluminação natural contribuem para o relaxamento dos animais. No caso de luz artificial, use iluminação indireta sempre que possível ⁽⁹⁰⁾. A luz brilhante e/ou constante pode ser estressante para os cães ^(92,103), pois eles possuem uma capacidade maior que os humanos de percepção de luz ⁽¹⁰⁴⁾. Lâmpadas de 60W em salas de exame e áreas de tratamento são ideais para uma iluminação adequada ao bem-estar dos cães.

A linguagem corporal dos humanos é diferente da linguagem corporal dos animais. Os seres humanos percebem como interação amigável e benigna o contato ventral (frente a frente), contato visual direto e mãos estendidas significando amizade e carinho. Em contraste, os cães, raramente usam contato ventral. Geralmente tendem a assumir uma abordagem mais lateral, evitando o contato direto com os olhos, portanto tendem a se sentir ameaçados por abordagens diretas e frontais ⁽¹⁰⁵⁾. Uma maneira para o cão se ambientar e ficar mais confortável aceitando a aproximação do médico veterinário é oferecer petiscos enquanto o histórico do animal está sendo realizado ^(88, 90).

Outra sugestão para manter os animais calmos durante os procedimentos é o uso do *Calming Cap (ThunderWorks, Durham, NC)*, que é uma venda para os olhos, de tecido semi-opaco que cobre os olhos dos cães para limitar o medo através dos estímulos visuais. Ajuda a reduzir o estresse associado a antecipação dos procedimentos o que auxilia a manter o animal mais calmo ⁽⁸⁹⁾. Não serve como focinheira, porém pode ser utilizado ao mesmo tempo.

Agendar encontros para socialização também é importante. O médico veterinário pode agendar encontros semanais para os filhotes de cães perto do horário de fechamento da clínica. Separe uma pequena área para que eles possam socializar com outros cães. Estas visitas positivas podem ajudar a superar as lembranças desagradáveis a clínica veterinária ⁽⁹⁰⁾.

Os cães internados merecem um momento de relaxamento. Dessensibilizar pacientes internados é muito importante também ⁽⁹²⁾. Reserve um horário e um ambiente agradável para que o proprietário fique a vontade com seu cão em uma sala da clínica por alguns minutos ⁽⁹⁰⁾.

5.4 PROJETO ARQUITETÔNICO DE UM CENTRO ESPECIALIZADO EM BEM-ESTAR EM CÃES

Não apenas as atitudes e o manejo dos cães influenciam o bem-estar desses animais. A arquitetura (posicionamento das portas, tipos de pisos, disposição das salas e móveis, por exemplo), também contribui muito para o bem-estar⁽⁹⁰⁾. Outro fator é que existem cães que se sentem mal ao enfrentar uns aos outros a curta distância na recepção, e se beneficiam se forem alojados separadamente⁽⁸⁷⁻⁸⁸⁾.

A arquitetura também afeta o estado emocional dos indivíduos. Um piso bem planejado é importante em qualquer projeto de construção. Instalar no piso azulejos de tração em todas as salas e corredores para o cliente e para o cão. O arranjo adequado das funções do hospital, o tamanho correto dos ambientes, e a localização de armários e equipamentos são todos os aspectos críticos de qualquer clínica veterinária bem planejada. O objetivo do projeto é cuidar para que o local fique desobstruído, sem barreiras, confortável, sem *stress*, intuitivo e centrado no paciente⁽⁹⁰⁾.

6 BEM-ESTAR DOS CÃES E O PET SHOP

Dados consolidados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet) revelam que em 2016 a exportação brasileira neste setor somou US\$ FOB 236,3 milhões. O Pet Food, setor que envolve a produção e comercialização de alimentos, continua liderando em valores, somando US\$ 180,7 milhões. Em seguida, vem o Pet Care, setor associado aos produtos e serviços de cuidados, com US\$ 53 milhões. Outros produtos, como exemplo, a comercialização de animais vivos, somam US\$ 2,1 milhões e Pet Vet movimentando US\$ 354 mil⁽¹⁰⁸⁾.

O número de estabelecimentos conhecidos popularmente como “pet shops” – que além de comercializarem alimentos, medicamentos e acessórios, também contam com serviços de banho e tosa – vem aumentando a cada ano no país⁽⁷⁸⁾. Sendo que, quando o assunto é higiene dos animais de estimação, os serviços de banho e tosa se destacam⁽¹⁰⁸⁾.

Em um ambiente de banho e tosa, são observados diversos agentes estressores, principalmente físicos, psicológicos e sociais. A partir do momento que o animal é retirado de seu habitat e introduzido em um novo ambiente, já há motivo suficiente para causar um quadro de estresse, mesmo que seja mínimo e imperceptível. Até mesmo um animal frequentador assíduo do pet shop, onde ele seja manipulado sempre pelo banhista ou tosador habituais não estará isento de estresse.

Os animais podem se estressar devido aos procedimentos de banho e tosa independente de raça, idade ou sexo, mas algumas raças e idades exigem um pouco mais de atenção por parte dos médicos veterinários, tosadores e banhistas ⁽⁶⁹⁾. Cães de pequeno porte, principalmente Poodle, Lhasa-Apso, Yorkshire, Shih-Tzu e maltês, além de serem os cães que mais frequentam o banho e tosa, são os animais com maior probabilidade de virem a óbito por estresse, pois apresentam um elevado nível de energia e ansiedade ^(83,110,112).

Animais braquicefálicos, como cães da raça bulldog inglês, pequinês, boxer e pug, dentre outros, também apresentam grande probabilidade de virem a óbito por estresse durante o banho e tosa ⁽¹¹²⁾. Tais raças apresentam anormalidades anatômicas congênitas das vias aéreas superiores e, quando estes animais são submetidos a esforços físicos excessivos ou a temperaturas ambientais muito altas, podem apresentar alterações respiratórias acentuadas ⁽⁸³⁾.

A idade dos animais também pode interferir na forma que o organismo irá adotar para reconhecer e enfrentar o estresse. Animais jovens com menos de um ano de idade são mais propensos a virem a óbito, pois são extremamente agitados, o que dificulta o seu manejo por parte do tosador ou do banhista ⁽¹¹²⁾.

Os fatores que podem alterar o comportamento do animal e gerar estresse incluem a temperatura (geralmente alta) da água e do secador, odores fortes, barulho excessivo ou repentino, presença de animais agitados em um mesmo recinto e, principalmente, o soprador, que é um equipamento que produz um som alto e excessivo ⁽¹¹¹⁾. Os proprietários dos animais devem estar cientes dos riscos envolvidos nos procedimentos de banho e tosa principalmente para os animais mais agitados, doentes ou idosos ⁽¹¹¹⁾.

É obrigatório a presença de um Médico Veterinário no estabelecimento de banho e tosa ⁽¹¹⁴⁾. O papel do médico veterinário como responsável técnico pelo estabelecimento é de extrema importância na prevenção de acidentes e na correta orientação aos funcionários e proprietários dos animais ⁽¹⁰⁹⁾.

7 DISCUSSÃO

Esta revisão narrativa da literatura teve como propósito analisar e sintetizar os estudos relacionados ao bem-estar e comportamento de cães, e fornecer informações para a confecção futura de manual teórico-prático de orientação a médicos veterinários clínicos de cães. Uma possível limitação deste estudo foi a realização da busca em apenas duas bases de dados, o que pode ser uma possível fonte de viés. Entretanto, ficou patente, na literatura consultada, a necessidade de material técnico de orientação a partir do trabalho de Américo (2017) que

identificou, claramente, o desconhecimento dos médicos veterinários clínicos diante de conceitos básicos e bem-estar e comportamento animal; como também a não aplicação da ética na venda de produtos em *pet shops*. Ressalta-se a importância dos clínicos conhecerem o comportamento da espécie animal que eles trabalham pois poderão melhorar a vida dos animais com suas orientações.

Faz alguns anos que a literatura descreve a nova interação estabelecida entre seres humanos e animais. Em 2007, Teixeira ⁽⁴⁾ ressalta que esta relação data a milhares de anos, e que a cada dia o vínculo do ser humano com seu cão aumenta gradativamente, fato este confirmado por Tatibana (2016) ⁽³⁾, que cita relatos de pessoas falando e agindo como se seus cães fizessem, realmente, parte da família. Trabalhos na literatura consultada como os de Overall e Dunham (2002) ⁽⁵⁹⁾, Bennett e Rohlf (2007) ⁽⁸⁰⁾ e Soares (2013) ⁽⁷⁴⁾ oferecem informações sobre os distúrbios de comportamento apresentados por cães devido à humanização estabelecida na relação do ser humano e seu cão de estimação.

Quadros e Molento, desde 2008 ⁽¹³⁾, destacam a demanda da sociedade frente à atuação profissional do médico veterinário que englobe a capacidade crítica em questão de bem-estar animal e um amplo e fundamental respaldo técnico no que tange à análise das condições de vida dos animais. Esta necessidade premente está em dissonância com os achados de Américo (2017) ⁽¹⁴⁾, que demonstraram quão inaptos este profissional está frente ao tema bem-estar no atendimento clínicos de cães e quão necessário é esta tecnificação.

De maneira isolada e recente alguns autores como, Yin (2009) ⁽⁹²⁾ e Herron; Shreyer (2014) ⁽⁸⁹⁾ estão apresentando informações importantes não apenas sobre intervenções que o médico veterinário deve saber para a conduta dele na rotina médica, mas também alterações (muitas vezes pequenas que passam despercebidas) que devem ser realizadas na estrutura física de uma clínica veterinária Lewis (2016) ⁽⁸⁶⁾ e Chapel (2016) ⁽⁹⁰⁾. Algumas destas pequenas alterações envolvem cor e textura da parede, piso, iluminação, ventilação do ambiente, espaço físico da clínica, sonorização, transporte do cão, consultas com horário marcado (a fim de evitar cães e gatos na sala de espera ao mesmo tempo), na abordagem do proprietário (uso de focinheira, atendimento no colo em casos de cães de pequeno porte, a presença ou ausência dele durante os procedimentos), equipe (funcionários da clínica) e do próprio médico veterinário com o cão (aproximação do animal, brincadeiras para o desestresse) entre outras citadas anteriormente.

Moffat (2008) ⁽⁸⁸⁾ por meio de uma revisão de literatura sobre a etiologia da agressividade em cães na rotina da clínica médica apresenta intervenções relevantes para os

médicos veterinários e sua equipe, como a adoção de petisco no momento da consulta para oferecer ao animal para aproximação, a melhor maneira de se aproximar do cão assustado (sem contato visual e pela lateral), o uso de petisco para colocar a focinheira.

Grandin e Johnson (2010) ⁽²¹⁾ explicam em seu livro de uma maneira fácil de ser compreendida sobre o bem-estar mental dos cães, deixando claro tanto de uma forma física quanto psíquica a necessidade dos cães em relação a maneira de agir e reagir a determinadas situações. Na rotina do profissional clínico de cães, quanto mais o médico veterinário utilizar os sentimentos de busca e brincar, como por exemplo, deixar o cão socializar com a equipe e outros cães, deixar o cão solto para explorar o ambiente durante a anamnese, além de valorizar uma questão ética de respeito e melhor atendimento do seu paciente ele terá sua rotina profissional muito facilitada evitando ou diminuindo os sentimentos de medo e pânico.

Outro livro com informações relevantes é o de Milani que desde 1997 ⁽¹⁰⁵⁾ discorre sobre a linguagem corporal e a emoção dos cães, abordando o comportamento dos cães e destacando o manejo que os proprietários devem adotar para estabelecer um bom e duradouro vínculo. Informações desta natureza são preciosas devido aos problemas de comportamento serem uma das causas de abandono de cães no Brasil. Se considerada a prática da eutanásia, que ocorre nos Estados Unidos da América decorrente dos distúrbios de comportamento, poder-se-á chegar à números elevados de cães que perdem a vida naquele país.

Ferreira e Sampaio (2010) ⁽⁴⁵⁾, verificaram aspectos da associação entre a relação homem-animal e o bem-estar do cão tomando por base o grau de bem-estar dos animais no dia a dia do proprietário com o seu animal. Neste estudo, dados apontam que mesmo os proprietários com as melhores intenções de manejo não se apresentam capacitados para estabelecer condição de bem-estar para os seus cães. Ou seja, gostar do animal não instrumentaliza o proprietário quanto ao que é melhor para o seu cão; neste sentido, é fundamental que ele receba orientação técnica, do profissional médico veterinário, quanto às necessidades físicas, mentais e de expressão do comportamento que devem ser atendidas.

Mas toda esta discussão é mais ampla do que somente o aspecto da interação do cão e do seu proprietário, que por si só já é bem amplo. Um bom exemplo disto são os diferentes significados do termo bem-estar. Neste sentido, Broom e Molento (2004) ⁽¹⁵⁾ considerando a amplitude e o frequentemente uso inadequado do termo bem-estar, publicaram uma revisão de literatura definindo de maneira clara e objetiva bem-estar animal. Portanto, no meio científico não se pode mais dizer que não se conhece, tecnicamente, o significado de bem-estar animal. Entretanto, na mídia escrita, impressa ou online, televisiva ou de rádio, que são aquelas que

atingem, de maneira geral, um maior número de pessoas da sociedade o termo ainda é usado de maneira indiscriminada e se referindo a qualquer coisa que se considere boa.

Bem-estar animal é uma ciência que apresenta o que é melhor para os animais do ponto de vista deles. Esta ciência por ser muito jovem ainda é, infelizmente, desconhecida por muitos médicos veterinários clínicos de pequenos animais, particularmente, pelo fato dos primeiros anos se concentrarem em pesquisas nos animais de fazenda, de produção. É fácil, então perceber, o quanto o clínico de pequenos animais, formado há alguns anos, precisa de informações técnicas reunidas em material que possa, facilmente, apresentar o tema e contribuir para uma melhor execução da sua prática profissional, que trará melhor bem-estar para ele mesmo, para os proprietários e para os cães que merecem uma vida melhor.

8 CONCLUSÃO

A revisão aqui realizada permite que o clínico médico veterinário tenha contato com informações sobre bem-estar e comportamento animal de cães. O conteúdo selecionado oferece elementos para o profissional identificar a importância e importância de se qualificar continuamente e incluir a temática em questão na rotina de trabalho; o que vai contribuir para o sucesso profissional dele e melhorar da vida dos tutores e cães.

REFERÊNCIAS

- Beaver, B, V. Comportamento Canino: um guia para veterinários. 1^a ed. São Paulo: Rocca; 2001.
- Fuck, E. J., Fuck, E. T., Delarissa, F., Curt, C. E. Relação Homem X Animal Aspectos psicológicos e comportamentais. Rev Nosso Clin .2009; Ano 9; n.49; Jan-Fev.p46-58.
- Tatibana, L.S., Costa-Val, A. P. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. Rev vet e zootec de Minas. 2009; AnoXXVIII; n.103; out/nov/dez. p.12-18.
- Teixeira, J. Amigos até que a morte nos separe. Revista Veja, Jan. 2007. [Acesso 2016 out. 22]. Disponível em: <http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/Artigos-v%E2%80%A0rios-Revista-veterin%E2%80%A0ria.pdf#page=11>
- Young, M. S. The evolution of domestic pets and companion animals. Vet Clinics of North America: Small Animal Practice .1985; 15; n.2; p297.

Voith, V. L.; Wright, J. C.; Danneman, P. J. Is there a relationship between canine behavior problems and apologetic activities, anthropomorphism, and obedience training? *Applied Animal Behavior Science* 1992; 34; n.3; p263.

Martin, K. M.; Martin, D.; Shaw, J. K. Small Animal Behavioral Triage: A Guide for Practitioners. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*. 2014; v.44, p. 379–399,

Faraco, C. B., Seminotti, N. A relação homem-animal e a prática veterinária. *Revista CFMV*. 2004. Ano X, n.32, maio-junho-julho-agosto. p. 57-61.

Anderline, G.P.O.S., Anderline, G. A. Benefícios do envolvimento do animal de companhia (cão e gato), na terapia, na socialização e bem-estar das pessoas e o papel do médico veterinário. *Revista CFMV*. 2007; Ano XIII; n. 41; p. 70-75.

Faraco, C. B.; Lantzman, M. Relação entre humanos e animais de companhia. In:___ Faraco, C. B.; Soares, G. M. *Fundamentos do comportamento canino e felino*. 1ª. São Paulo. Ed. Medvet, p. 1 – 12, 2013.

Soares, G. M.; Souza-Dantas, L. M.; D’Almeida, J. M. Epidemiologia de problemas comportamentais em cães no Brasil: inquérito entre médicos veterinários de pequenos animais. *Ciência Rural*, Santa Maria. 2010; n.4; v,40; p. 873-879.

Rossi, A. *Boletim APAMVET*. Como os EUA estão incorporando bem-estar e comportamento na clínica veterinária. 2016. n.1; v.7; p.11-14.

Quadros, J.; Molento, C. F. M.; Ensino de bem-estar animal para médicos-veterinários no Brasil: atualização 2008. In: *Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária, 35, 2008, Gramado. Anais...* Gramado: Conbravet, 2008.

Américo, P. M. Conhecimento de médicos veterinários de pequenos animais da baixada santista sobre bem-estar animal. [Dissertação]. Santos. Universidade Metropolitana de Santos; 2017.

Broom, D. M.; Molento, C. F. M.; Bem-estar animal: Conceito e questões relacionadas – Revisão. *Archives of Veterinary Science*. 2004; n.2; v.9; p. 1-11.

Faraco, C. B.; Seminotti, N. Sistema social humano-cão a partir da autopoiese em Maturana. *Revista Psico*. Porto Alegre: PUCRS, v. 41, Nº 3, p. 310-316, [Acesso em jul/set. 2010].

Disponível

em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/8162/5852>

Chapel, D. D. How your hospital design can be fear free. *NAVC Conference*; 2016. p. 420-422.

Flanagan, O. Consciousness. In: Bechtel, W.; Graham, G. (ed). *A companion to cognitive Science*. 1988. p 176 – 185.

- Singer, P. *Libertação Animal*. 1ª ed. Porto Alegre: Lugano Editora; 2004.
- Broom, D. M. *The evolution of morality and religion*. 1st. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 272p.
- Grandin, T.; Johnson, C. *O bem-estar dos animais, proposta de uma vida melhor para todos os bichos*. 1ª ed. Rio de Janeiro, ed Rocco; 2010.
- Singer, P. *Ética prática*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2002.
- Broom, D. M. Indicators of poor welfare. *British Veterinary Journal*. 1986. v.142, p.524-526.
- FAWC, 1993. *Second Report on Priorities for Research and Development in Farm Animal welfare*. MAFF Publ., Tolworth, London, UK.
- Webster, A. J. F. International standards for animal welfare: Science and Values. *Vet. J.* 2003, n. 198, p 2-3.
- Mellor, D.J.; Reid, C.S.W. Concepts of animal well-being and predicting the impact of procedures on experimental animals. In *Improving the Well-Being of Animals in the Research Environment*; Australian and New Zealand Council for the Care of Animals in Research and Teaching (ANZCCART): Glen Osmond, SA, Australia, 1994; p. 3–18.
- Mellor, D. J. Updating Animal Welfare Thinking: Moving beyond the “Five Freedoms” towards “A Life Worth Living”. *Animals* 2016, 6(3), p 21.
- Hewson, C. J. What is animal welfare? Common definitions and their practical consequences. *Canadian Veterinary Journal*. 2003; vol 44.
- Hare, B.; Tomasello, M. Human-like social skills in dogs? *Trends in cognitive sciences* 9. 2005; n.9; sep; p. 439-444.
- Mech, L. D., Alpha status, dominance, and division of labor in wolf packs, *Canadian journal of Zoology*. 1999; n.8, p.1196-1203.
- Lantzman, M. *Domesticação canina*. In: Faraco, C. B., Soares, G. M. *Fundamentos do comportamento canino e felino*. 1. ed. São Paulo: MEDVET; 2013.
- Scott, J. P., Fuller, J. L. *Genetics and the social behavior of the dog*. Chicago. The University of Chicago Press, 1965.
- Pereira, G. G., Lantzman, M. *Ontogenia canina*. In: Faraco, C. B., Soares, G. M. *Fundamentos do comportamento canino e felino*. 1. ed. São Paulo: MEDVET; 2013.
- Lourenço F. D; Furlan, M. M. D.P. Sensibilidade olfatória em homens e cães: um estudo comparativo. *Arq Mudi*. 2007;11(2):14-9.
- Carlson, N. R. *Fisiologia do comportamento*. 7ª ed. Barueri: Editora Manole; 2002.

Overall, K. L. Manual of Clinical Behavioral Medicine for Dogs and Cats. St. Louis: Elsevier, 2013.

Legros, D. Enciclopédia do cão Royal Canin. 1ed. Roma: Aniwa Publishing; 2001.

Balseiro, S. C.; Correia, H.R. Is olfactory detection of human cancer by dogs based on major histocompatibility complex-dependent odor components? – A possible cure and a precocious diagnosis of cancer. *Med Hypotheses*. 2006; n. 66; p. 270-272.

McCulloch, M.; Jezierski, T.; Broffman, M.; Hubbard, A.; Turner, K.; Janecki, T. Diagnostic accuracy of canine scent detection in early- and late-stage lung and breast cancers. *Integr Cancer Ther*. 2006; n. 5; p. 30-39.

Vilanova, X. M. Etología clínica veterinária del perro y del gato. 3. ed. Barcelona: Multimédiva Ediciones Veterinarias; 2003.

Panksepp, J. *Affective Neuroscience: The foundations of human and animal emotions*. New York: Oxford University Press, 1998.

LeDoux, J. *The emotional brain*. New York: Simon and Schuster, 2006.

Kandel, E.R.; Schwartz, J.H.; Jessell, T.M. *Fundamentos da neurociência e do comportamento*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1997. 591p.

Clark, J.D.; Rager, D.R.; Calpin, J.P. Animal well-being I. General considerations. *Laboratory Animal Science*. 1997; n 47; p 564-570.

Ferreira, S. A.; Sampaio, I. B. M. Relação homem-animal e bem-estar do cão domiciliado. *Archives of Veterinary Science*. 2010. N. 1; v.15; p.22-35.

Broom, D.M.; Fraser, A.F. *Domestic Animal Behaviour and Welfare*. 4. ed. Oxfordshire: CABI International, 2007.

Marston, L. C., Bennett, P. C. Reforging the bond – towards successful canine adoption. *Appl. Anim. Behav. Sci*. 2003; n 83; p. 227-245.

Miller, D. D., Staats, S. R., Partlo, C., Rada, K. Factors associated with the decision to surrender a pet to an animal shelter. *J. Am. Vet. Med. Assoc*. 1996 n 209; p 738-742.

Patronek, G. J., Glicklman, L. T., Beck, A. M., McCabe, G. P., Ecker, C. Risk factors for relinquishment of dogs to an animal shelter. *J. Am. Vet. Med. Assoc*. 1996; n. 209; p 572-581.

Shore, E. R. Returning a recently adopted companion animal: adopters reasons for and reactions to the failed adopted companion experience. *J. Appl. Anim. Welf. Sci*. 2005; n 8; p 187-198.

Overall, K. L., Hamilton, S. P., Chang, M. L. Understanding the genetic basis of canine anxiety: phenotyping dogs for behavioral, neurochemical and genetic assessment. *J. Vet. Behav. Clin. Appl. Res*. 2006; n 1; p 121-141.

Appleby, D.; Pluijmakers, J. Separation Anxiety in dogs: The function of homeostasis in its development and treatment, *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*. 2003; v. 33; n. 2, p. 321-344.

Hare, B., Tomasello, M. Human-like social skills in dogs? *Trends Cogn. Sci.* 2005; n 9; p 439-444.

Rooney, N. J., Bradshaw, J. W. S., Robinson, L. H. Do dogs respond to play signals given by humans? *Anim. Behav.* 2001; n 61; p 715-722.

Cullinan, P., Blackwell, E. J., Casey, R. A. The relationships between owner consistency and “problem” behaviors in dogs: a preliminary study. *Proceedings of 1st meeting of the European College of Veterinary Behavioral Medicine – Companion Animals*. Cremona, Italy, 22nd. October, 2004.

Hiby, E. F., Rooney, N. J., Bradshaw, J. W. S. Dog training methods: their use, effectiveness and interaction with behavior and welfare. *Anim. Welf.* 2004; n 13; v 1; p 63-69.

Horwitz, D. F., Mills, D. S., BSAVA. *Manual of Behaviour Medicine*. Second Edition, Gloucester, British Small Animal Veterinary Association, England, 2009.

Soares, G. M.; Telhado, J.; Paixão, R. L.; Avaliação da percepção de proprietários de cães residentes em apartamentos no município de Niterói-RJ sobre os sinais da síndrome de ansiedade de separação em animais. *Archives of Veterinary Science*. 2016; n 2; v.17; p. 10-17.

Overall, K. L.; Dunham, A. Clinical features and outcome in dogs and cats with obsessive – compulsive disorder: 126 cases, *Journal of American Veterinary Medicinal Association*. 2002; n. 10; v.221; p. 1445-1451.

Voith, V. L., Wright, J. C., Danneman, P. J. Is there a relationship between canine behavior problems and spoiling activities, anthropomorphism, and obedience training? *Appl. Anim. Behav. Sci.* 1992; n 34; p 263-272.

Wells, D. L., Hepper, P. G. Prevalence of behavior problems reported by owners of dogs purchase from an animal rescue shelter. *Appl. Ani. Behav. Sci.* 2000; n 69; p 55-65.

Soares, G. M.; Telhado, J.; Paixão, R. L.; Construção e validação de um questionário para identificação da Síndrome de Ansiedade de Separação em cães domésticos. *Ciência Rural*. 2009; n.3; v 39; p.778-784.

Landsberg, G.; Hunthausen, W.; Ackerman, L. *Problemas Comportamentais do Cão e do Gato*. 2 ed., São Paulo: Rocca; 2005.

Allen, A. J.; Leonard, H.; Swedo, S. E. Current knowledge of medications for the treatment of childhood anxiety disorders. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*, 1995; v.34, p.976-986.

- McCrave, E. A. Diagnostic criteria for separation anxiety in the dog. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*. 1991; v.21; p.247-256.
- Takeuchi Y, Houpt KA, Scarlett JM. Evaluation of treatments for separation anxiety in dogs. *J Am Vet Med Assoc*. 2000; n 217; p 342–345.
- Lindsay S. R. *Handbook of Applied Dog Behavior and Training*. vol.2. 1st ed. Ames, Iowa: Iowa State Univ Pr, 2001.
- Overall, K. L. *Clinical behavioral medicine for small animals*. St. Louis – Missouri: Mosby – Year Book, 1997.
- King, J. N.; Simpson, B. S.; Overall, K. L.; Appleby, D. et. al.. Treatment of separation anxiety in dogs with Clomipramina: results from a prospective, randomized, double-blind, placebo-controlled, parallel-group, multicenter clinical trial. *Applied Animal Behaviour Science*. 2000; n 4; v. 67; p. 255 – 275.
- Bezenech, M. L’homme et le chiendomestique: unepathologie neuropsychiatrique commune?. *Annales Médico Psychologique*. 2003; n 8; v.161; p. 569-578.
- Schwartz, S. Separation anxiety syndrome in dogs and cats. *Journal of American Veterinary Medicinal Association*. 2003; n 11; v. 222; p. 1526 – 1532.
- Lantzman, M. Ansiedade de Separação em Cães. [Acesso em 2016 jun. 6] Disponível em: <http://www.pet.vet.br/ansiedade.htm>.
- Soares, G. M.; Telhado, J.; Paixão, R. L.; Ansiedade de Separação e suas implicações na qualidade de vida de cães domésticos (*Canis familiaris*). *Revista Clínica Veterinária*. n. 67, p. 76-82, 2007.
- Soares, G. M. Comportamento de eliminação em caninos. In: Faraco, C. B., Soares, G. M. *Fundamentos do comportamento canino e felino*. 1. ed. São Paulo :MEDVET; 2013.
- Pal, S. K. Urine marking by free-ranging dogs (*Canis familiaris*) in relation to sex, season, place and posture. *Applied Animal Behaviour Science*. 1999; n 63; p 219-236.
- Luescher, A.V. Diagnosis and management of compulsive disorders in dogs and cats. *The Veterinary Clinics Small Animal Practice*. 2003; v. 33; p.253-267.
- Luescher, U. A.; Mckeown, D. B.; Halip, P. Stereotypic or obsessive-compulsive disorders in dogs and cats. *Veterinary Clinical North American Small Animal Practice*. 1991; p. 401-414.
- Pereira, J.T. Contribuição ao Estudo da Dermatite de Lamedura em Cães. [Tese] - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (São Paulo), 1999.

Borchelt, P. L. Aggressive behaviour of dog kept as companion animals: classification and influence of sex, reproductive status and breed. *Applied animal ethology*. 1983; n 1; v 10; p 45 – 61.

Bennett, P. C; Rohlf, V. I., Owner-companion dog interactions: relationship between demographic variables, potentially problematic behaviours, training engagement end shared activities. *Appl. Anim. Behav. Sci.* 2007; n 102; p 65 – 84.

Guy, N. C.; Luesher, U. A.; Deohoo, S. E.; Spangler, E.; Miller, J. B.; Deohoo, I. R.; Bat, L. A., Risk factors for dog bites to owners in a general veterinary case loud. *appl. anim. behav. sci.* 2001; n 74; p 29 – 42.

Blackwell, E. J.; Twells, C.; Seawright, A.; Casey, R. A., The relationship between training methods and the occurrence of behaviour problems, as reported by owners, in a population of domestic dogs. *J. Vet. Behav.* 2008; n 3; p 207 – 217.

Arhant, C.; Bubna-Littitiz, H.; Bartels, A.; Futschik, A.; Troxler, J. Behaviour of smaller and larger dogs: effects of training methods, inconsistency of owner behavior and level of engagement in activities with the dog. *Applied Animal Behaviour Science*. 2010; n 3; v 123; p131-142.

Herron, M. E., Lord, L. K. Use of and satisfaction of pet owners with a clinical behavioral service in a companion animal specialty referral practice. [J Am Vet Med Assoc](#). 2012; n 1; v 241(11); p 1463-1466.

CFMV, Resolução n 878, de 15 de fevereiro de 2008. Regulamenta a fiscalização de pessoas jurídicas cujas atividades compreendem a prestação de serviços de estética, banho e tosa e dá outras providências. [Acesso em 2016 set. 8] Disponível em: <http://www.cfmv.org.br/consulta/arquivos/878.pdf>.

Lewis, H. E. 5 essentials for exceptional hospital design. *Small Animal – Hospital Design. NAVC Conference*. 2016. p. 237 – 239

Lewis, H. E. Fear-free design for all hospitals. *Small Animal – Hospital Design. NAVC Conference*. 2016. p. 237 – 239.

Moffat, K. Addressing canine and feline aggression in the veterinary clinic. *Vet Clin Small Anim.* 2008; n 38; p 983-1003.

Herron, M. E., Shreyer, T. The Pet-friendly veterinary practice: A guide for practioners. *Vet clin Small Anim.* 2014; n 44; p 451-481.

Chapel, D. D. How your hospital design can be fear free. *NAVC Conference*. 2016. p. 420-422.

- Mariti, C., Ricci, E., Mengoli, M., Zilocchi, M., Sighieri, C., Gazzano, A. Survey of travel-related problems in dogs. *Veterinary Record*. 2012. [Acesso em 2017 jun 17] Disponível em: <http://veterinaryrecord.bmj.com/>
- Yin, S., *Low Stress Handling, Restraint and Behavior Modification of Dogs and Cats: Techniques for Developing Patients Who Love Their Visits*. Cattle Dog Publishing; 2009
- Mills D.S., Ramos, D., Estelles, M. G., et al. A triple blind placebo-controlled investigation into the assessment of the effect of dog appeasing pheromone (DAP) on anxiety related behavior of problem dogs in the veterinary clinic. *Appl Anim Behav Sci*. 2006. n 98; p 114-126.
- Pageat P, Gaultier E. Current research in canine and feline pheromones. *Vet Clin North Am Small Anim Pract*. 2003; n 33; p 187–211.
- Mills DS. Pheromonotherapy: Theory and applications. *In Pract*. 2005; n 27; p 368–373.
- Chapel, D. D. What your peers are building -Trends.Small Animal – Hospital Design. NAVC Conference. 2016. p. 426 – 427.
- Overall, K. L. Assessing fear and anxiety in veterinary practice: Save lives, have fun, low stress.Small Animal – Behavior. NAVC Conference. 2016. p. 140 – 144.
- Davila, S. G., Campo J. L., Gil, M. G. et al. Effects of auditory and physical enrichment on three measurements of fear and stress (tonic immobility duration, heterophil to lymphocyte ratio, and fluctuating asymmetry) in several breeds of layer chicks. *Poult Sci*. 2011; n 90; p 2459-2466.
- Morgan K N, Tromborg CT. Sources of stress in captivity. *Appl Anim Behav Sci*. 2007; n 102; p 262-302.
- MacDonald, D. W. The carnivores: order Carnivora. In: Brown RE, MacDonald D W, editors. *Social odours in mammals*. Oxford (United Kingdom): Clarendon Press; 1985.
- Stoddart, D. M. *The ecology of vertebrate olfaction*. London: Chapman and Hall; 1980.
- Pollard, J. C., Littlejohn R.P. Behavioural effects of light conditions on red deer in a holding pen. *Appl Anim Behav Sci*. 1994; n 41; p 127-134.
- Miller, P. E., Murphy, C. J. Vision in dogs. *J Am Vet Med Assoc*. 1995; n 207; p 1623-1634.
- Milani, M. M. *The body language and emotion of dogs: a practical guide to the physical and behavioral displays owners and dogs exchange and how to use them to create a lasting bond*. New York: Quill William Morrow; 1997.
- Cottam, N. Dodman, N. H. Ha, J. C. The effectiveness of the anxiety wrap in the treatment of canine thunderstorm phobia: an open-label trial. *J Vet Behav*. 2013; n 8; p 154-161.

Hernander, L. Factors influencing dog's stress level in the waiting room at a veterinary clinic. SLU Student report 190, 2008.

ABINPET (Associação Brasileira da Industria de Produtos para Animais de Estimação). [Acesso em 2017 març. 3]. Disponível em: <http://abinpet.org.br/site/em-queda-exportacoes-da-industria-pet-nacional-somaram-us-fob-2363-milhoes-em-2016/>

Maria, A. C. B. E.; Rego, A. A. M. S; Maiorka, P. C. Necropsy findings in dogs that died during grooming or other pet service procedures. *Journal of Forensic Sciences*. 2013; n 5; v. 58; p. 1189-1192.

Maria, A. C. B. E. Principais alterações encontradas em necropsias de cães e gatos que vieram a óbito durante procedimentos em pet shops e similares. 2010, 114 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, 2010.

Maria, A. C. B. E., Siqueira, A., Salvagni, F. A., Maiorka, P. C.; Óbitos de cães e gatos durante procedimentos de banho e tosa: uma realidade pouco conhecida no Brasil. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia*. 2015; n 3; v. 13; p.24 – 29.

Munro, H. M. C.; Thrusfield, M. V. Battered pets: non-accidental physical injuries found in dogs and cats. *Journal of Small Animal Practice*. 2001; n 6; v.42; p. 279-290.

Fingland, R. B. Doenças obstrutivas das vias respiratórias superiores. In: Birchard, S. J.; Sherding, R. G. *Manual Saunders de clínica de pequenos animais*. São Paulo: Roca, 2008.

Figuera, R. A.; Souza, T. M.; Silva, M. C.; Brum, J. S.; Graça, D. L.; Kommers, G. D.; Irigoyen, L. F.; Barros, C. S. L. Causas de morte e razões para eutanásia de cães da Mesorregião do Centro Ocidental Rio-Grandense (1965-2004). *Pesquisa Veterinária Brasileira*. 2008; n 4; v. 28; p. 223-230.